

PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS PARA O ESTUDO MULTIDISCIPLINAR DA CERÂMICA GREGA

BRUNO DOS SANTOS MENEGATTI

Graduando em Artes Visuais (ECA-USP)

Bolsista de Iniciação Científica da FAPESP (2017-2019)

brunomenegatti@usp.br

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Camila Diogo de Souza (Prof.^a Vis. UFF)

RESUMO

O crescimento exponencial de acesso à informação no século XXI, e principalmente nos últimos dez ou quinze anos, resultou no esgotamento da forma tradicional que nos relacionávamos com o conhecimento. O acesso restrito aos artigos, obras de referência, e os próprios objetos de pesquisa necessitava de um esforço muito grande de docentes e discentes tanto para o ensino quanto para a pesquisa. Geralmente, o resultado deste cenário eram núcleos de pesquisa restritos e tradicionais que compreendiam o fazer da pesquisa de maneira local. Entretanto, o cenário contemporâneo é outro. As informações são cada vez mais abundantes e estes núcleos cada vez mais integrados à produção internacional do conhecimento científico. Isso exige de nós, principalmente discentes, mais integração e novos modos de lidar com o ambiente acadêmico que tem transformado suas demandas em uma velocidade cada vez maior, um cenário muito diferente do que parte de nossos professores enfrentou em seus períodos de formação. Reúno neste artigo uma seleção de conceitos, reflexões, métodos e projetos inspiradores como pequena contribuição para o que tem sido importante para mim durante a minha formação, e que talvez possa ser para você também.

PALAVRAS-CHAVE

Cerâmica grega; antiguidade clássica; Grécia antiga; ensino, pesquisa e extensão; longlife learning.

ABSTRACT

The exponential growth in access to information in the 21st century, and especially in the last ten or fifteen years, has resulted in the exhaustion of the traditional way that we related to knowledge. Restricted access to articles, reference works, and the research objects themselves required a great deal of effort by teachers and students for both teaching and research. Generally, the result of this scenario was restricted and traditional research centers that understood how to do research in a local way. However, the contemporary scenario is different. Information is increasingly abundant and these centers are increasingly integrated into the international production of scientific knowledge. This demands from us, especially students, more integration and new ways of dealing with the academic environment that has transformed their demands at an ever increasing speed, a scenario very different from what part of our teachers faced in their training periods. In this article I bring together a selection of inspiring concepts, reflections, methods and projects as a small contribution to what has been important to me during my training, and which may perhaps be for you as well.

KEYWORDS

Greek pottery; classical antiquity; ancient Greece; teaching, research and extension; longlife learning.

1. A FORMAÇÃO CONTÍNUA

Este é o último ano da minha graduação e durante o tempo que passei na Universidade de São Paulo vivenciei o que entendo como mais especial em uma instituição pública que se concentra em ensino, pesquisa e extensão. Trata-se da possibilidade de explorar e transitar em diversas áreas do conhecimento, como faculdades, museus, laboratórios e grupos de pesquisa. Além disso, também tive o privilégio de ter conhecido colegas e professores da mais alta qualidade. A estruturação de uma formação interdisciplinar que agencia relações entre muitos locais da universidade (e também fora dela) é uma realidade cada vez mais iminente nos próximos anos. Dessa maneira, buscarei expor mais do que observações de cunho científico de uma perspectiva de um aluno em formação, mas um relato de experiência de como eu aprendi, como gostaria de aprender, e assim, colaborar no aprendizado de colegas que se encontram também no processo de formação¹.

¹ Desde que entrei na universidade, percebi que as relações eram mais complexas do que o simples encontro de pessoas que querem aprender com aquelas que querem ensinar. O universo acadêmico é muito específico e seus ritos de iniciação são bastante complexos aos desavisados. É exigido neste espaço uma série de adequabilidades que não são ditas. Como ler e escrever um artigo acadêmico? Como começar e operar uma pesquisa científica? Como se relacionar de forma saudável com professores e orientadores? Muito mais que etiquetas sociais, há um modo de se fazer as coisas ao mesmo tempo que diferentes espaços podem proporcionar experiências com

As transformações sociais pelas quais passamos nos últimos dez anos e o acesso à informação promovido durante este período é, sem dúvidas, um divisor de águas na maneira que nos relacionamos com as pessoas, com as instituições e com o conhecimento. As relações familiares, escolares, o modo de ver e fazer política, as profissões cada vez mais fluídas e dinâmicas foram afetadas pela ascensão da informação digital de maneira vertiginosa. Ainda buscamos compreender como os algoritmos e as *fakes news* interferem nas relações sociais, em nossa individualidade e visão de mundo.

O cenário acadêmico não está fora dessas relações. A academia é estruturalmente mais conservadora às mudanças contemporâneas do que a sociedade civil, mas não é possível dizer que ela é alheia a estas transformações. A ramificação das áreas do conhecimento, na verdade, promove um desenvolvimento desigual em direção ao alinhamento com as novas tecnologias. Algumas destas áreas – como é o caso da Tecnologia da Informação – podem assumir a dianteira dessas transformações e inspirar as demais a se aproximarem dos novos formatos do mundo digital e contemporâneo.

A formação discente está mais próxima destas novas relações sociais do que a estrutura acadêmica consolidada. Os alunos têm suas experiências de vida desde muito cedo permeadas pelas novas tecnologias digitais. Com isso em vista, as mudanças de perfil de alunos na graduação ou nas primeiras etapas da pós-graduação podem ser observadas com maior intensidade. Assim, a estrutura acadêmica é afetada pela sociedade que a sustenta. Alunos não possuem o mesmo perfil de trinta ou vinte anos atrás, pois suas vivências são diametralmente opostas. O bombardeamento de estímulos instantâneos a qualquer hora do dia através da tecnologia portátil, como um smartphone e um computador, vem interferindo nas relações de aprendizado. De maneira positiva, o acesso à informação deixou de ser o problema crucial do ensino. Há uma disponibilidade de artigos, vídeos didáticos e de divulgação científica, e podcasts sobre ciência que cresce cada dia mais nas plataformas online. A formação autodidata, e mesmo institucionalizada, hoje é capaz de alçar vôos inimagináveis para o século passado.

O nosso modelo de sociedade promove o elogio da produtividade e atualizações profissionais constantes para a produção de conteúdo digital sobre pesquisas científicas em vista de sua democratização e acessibilidade. Assim, ao mesmo tempo que consumimos o conteúdo digitalizado como parte de nossos estudos (catálogos online por exemplo), somos engajados a produzir na mesma velocidade, quantidade e qualidade! Dessa forma, consumimos e compartilhamos conhecimentos produzidos mundialmente que em outra época foi restrito pelas distâncias geográficas entre os centros de pesquisa. O progresso científico se tornou menos um mérito de poucos indivíduos para cada vez mais se alicerçar coletivamente e internacionalmente. Uma pesquisa torna-se relevante quando ela agrega e é agregada por outros estudos.

mais ou menos liberdade e flexibilidade em se adaptar às mudanças. Um diálogo mais franco entre discentes sobre os problemas de pesquisa, as oportunidades oferecidas, os ambientes, as soluções encontradas para as dificuldades, e o que podemos fazer daqui para frente, estão expostos abaixo a quem possa ser útil.

Esta situação se dá em função de questionamentos e revisões de dados por outros pesquisadores que abordam e refinam o estudo anterior. Este processo cristaliza ou adverte o estudo no ambiente de produção acadêmica associado. Isto torna os pareceres individuais mais dinâmicos e imediatos, embora os ganhos coletivos sejam observáveis apenas com maiores margens de tempo. Em outras palavras, o cenário de produtividade individual pode impulsionar a dinamização da informação, mas são as redes coletivas que amadurecem e consolidam o conhecimento ao passo da sua própria sobrevivência ao tempo.

Tornar um trabalho acadêmico uma referência no longo prazo, além do esforço coletivo, passa pela reunião e análise da materialidade das questões de pesquisa. Os estudos contemporâneos de cerâmica grega, por exemplo, são referenciados em grandes catálogos e bancos de dados. Este é o caso do Beazley Archive² que foi produzido, revisado e digitalizado ao longo de mais de um século. Como veremos, o trabalho de base nas ciências humanas tem se tornado um ponto chave a ser refletido no contexto digital contemporâneo devido à ausência ainda sentida de veiculações públicas de obras mais exaustivas, atualizadas e revisadas de investigação autoral de documentos (análise e compêndio das fontes primárias) em língua portuguesa e em formato online nativo.³ Há uma demanda cada vez maior⁴ (e muito já sendo feito) por este tipo de documentação de forma indexada e digital, ainda que esta situação seja amenizada pelo acesso, hoje facilitado, às obras estrangeiras disponíveis na internet, mas que esbarram em barreiras de língua, de navegação pouco intuitiva e desatualização.

Penso que para a próxima geração de pesquisadores de humanidades, seja importante a percepção de que boas ideias e boas pesquisas são fundamentais, mas são apenas parte do trabalho. Quando o acesso ao conhecimento é limitado, como foi há trinta ou vinte anos atrás, a pouca disponibilidade de artigos, livros e documentos, justificava um aprendizado árduo e complicado. Eram estas as condições de trabalho. Superadas, em parte, estas condições através do advento e acessibilidade da internet, novos desafios se colocam na realidade. A abundância de informação se contrapõe à escassez do passado, mas ambas ainda problematizam o acesso. Se por um lado a informação era inacessível na época analógica, na época digital ela continua inacessível pela própria abundância. A disseminação de informações inverídicas, ou no mínimo questionáveis, é muitas vezes promovida pela ausência de uma curadoria da informação – como é o caso das *fake news*. Engana-se o leitor que pensa que informações superficiais não circulam no ambiente acadêmico. Pelo contrário, particularmente penso que há dois grandes desafios ao pesquisador de nosso tempo. O primeiro é, justamente, a curadoria dos dados, das análises e das in-

2 Beazley Archive Pottery Database: <https://www.beazley.ox.ac.uk/pottery/default.htm>. Acesso em: 20/05/2021.

3 A formatação de um banco de dados originalmente dedicado à internet é capaz de propor soluções de pesquisa e indexação de informações sem a necessidade de tradução do formato analógico.

4 Com o crescimento exponencial de universitários na última década, a universalização do acesso ao conhecimento é uma demanda cada vez mais primária, principalmente quando os nichos de pesquisa se distanciam dos grandes centros.

interpretações. Trata-se do estabelecimento de critérios claros para o julgo de uma informação cientificamente válida ou não. Em segundo lugar, é a tarefa de promover as conclusões das pesquisas acadêmicas em direção a uma maior disponibilidade nas plataformas digitais através de recursos retóricos, estéticos, narrativos e didáticos.⁵ Dessa forma torna-se possível a ocupação do espaço virtual pela produção científica sintonizada com a sociedade que se torna cada vez mais vítima do negacionismo da ciência.

Para isso, além da formação tradicional em uma área do conhecimento, é cada vez mais necessário (em um ambiente cada vez mais competitivo por fomentos) um aprendizado paralelo e continuado naquilo que acontece ao nosso redor. O aprendizado ao longo da vida, ou formação contínua (no original *longlife learning*), é uma das tentativas de mapeamento daquilo que a contemporaneidade – em seus desdobramentos sociais, mercadológicos, tecnológicos e acadêmicos – têm passado a exigir de seus agentes e principalmente da próxima geração. A literatura sobre este tema, já bastante antigo e extenso⁶, compreende que associado ao aprendizado formal (um contexto pedagógico organizado e estruturado), valorize-se os aprendizados não-formais e informais⁷ como agentes epistemológicos agregadores para a qualidade da pesquisa e da sua interpretação pedagógica. Esta conceitualização propõe não apenas um remodelamento do acompanhamento da produção acadêmica (cada vez mais abundante) mas também tornar

As comunidades mais produtivas e inovadoras, à medida que os trabalhadores criam e descobrem novas habilidades e ideias. Na nossa economia e sociedade baseadas no conhecimento, as mudanças são constantes no local de trabalho. Mas as pessoas que adotam

5 Um intercâmbio não deve mais se definir exclusivamente ao acesso de vasos cerâmicos que se encontram majoritariamente em museus europeus. A necessidade da informação material é fundamental, mas este é o mínimo do potencial desta experiência. A integração colaborativa atravessa a troca de frameworks, modos de trabalhar e de lidar com a rotina da profissão de pesquisador. Isso pode ser feito mais do que uma viagem para o exterior, mas a partir de um aprendizado continuado ao longo da vida. A multidisciplinaridade é uma das formas de intercâmbio que deve ser valorizada tanto quanto o acesso à materialidade. Essa é a posição de destaque que a universidade pública deveria trazer socialmente para si. Ela se define como um centro que aproxima pessoas de diversas áreas do conhecimento dispostas a aprender e a ensinar em um mesmo campus. Contudo, creio que ainda carecemos de modos mais dinâmicos, fluidos e personalizados de planos de trabalhos que favoreçam esta integração.

6 “A economia baseada no conhecimento, as novas tecnologias, a velocidade crescente das mudanças tecnológicas e a globalização influenciam as necessidades de melhoria das aptidões e competências da população. Na Europa, isso é reconhecido há vários anos (COLARDYN; BJORNAVOLD, 2004 apud LAAL; SALAMANTI, 2011, p. 399).

7 Um aprendizado não-formal “consiste na aprendizagem embutida em atividades planejadas que não são explicitamente designadas como aprendizagem, mas que contêm um importante elemento de aprendizagem, como habilidades vocacionais adquiridas no local de trabalho” (TISSOT, 2004, p. 112). Ao passo que o aprendizado informal é “definido como aprendizagem resultante de atividades da vida diária relacionadas à família, trabalho ou lazer. Muitas vezes é referido como aprendizagem experiencial e pode, até certo ponto, ser entendido como aprendizagem acidental (TISSOT, 2004, p. 76).

a *longlife learning*, que constantemente aprendem novas habilidades e se treinam para novos desafios, podem lidar melhor com as demandas das mudanças no local de trabalho. (...) Os colegas adultos trocam ideias e ensinam uns aos outros. As tarefas podem culminar em um projeto ou programa de grupo, em vez de um exame com notas. Memorizar fatos é o mínimo; as respostas não são absolutas. É verdade que existem alguns estudos em que as contagens e testes de exatidão são obrigatórios. Mas uma rápida pesquisa na Internet revelou referências ao uso de teorias de educação de adultos em disciplinas altamente regulamentadas, como enfermagem e medicina. Preparar-se para ser aprovado em conselhos estaduais não impediu o ensino criativo, onde as opiniões dos alunos são respeitadas e postas em prática. É possível combinar métodos tradicionais com estilos de aprendizagem de adultos. (LAAL; SALAMANTI, 2012, p. 401-2)

É com esta contextualização de questões e conceitos que será direcionada a reflexão deste artigo, tendo em vista as conquistas recentes nos estudos brasileiros da cultura material, da Antiguidade Clássica, e em particular da cerâmica grega.

2. CATÁLOGOS TRADICIONAIS

Entre as principais obras de referência para o estudo da cerâmica antiga está o trabalho de John D. Beazley. Mesmo após um século, sua obra ainda está presente em estudos de ceramologia e ceramografia, e ainda que criticado em diversas frentes⁸ seu nome continua a ser citado e suas análises visitadas, revistas e comentadas. É um destes estudos exaustivos que sobrevivem ao tempo. Beazley influenciou muitas outras iniciativas, inspiradas em sua obra de vida, uma análise de mais de 40 mil vasos que foi sendo fomentada ao longo do século XX.

Uma das maiores conquistas de Beazley foi a criação de padrões e critérios para a descrição e análise do objeto cerâmico. Aplicar o escopo epistemológico estruturalista do seu período em um trabalho específico e exaustivo de um objeto particular, mas tão abundante, foi um dos marcos da sua carreira. O autor pôde identificar com relativa segurança mais de trezentos artesãos e pintores, assim como suas genealogias. O seu legado, por sua vez, foi caracterizado tanto pela criação de um banco de dados colaborativo, quanto pela possibilidade da continuidade de seu trabalho por pesquisadores posteriores. É o caso de A.D. Trendall que abordou a produção cerâmica da Magna Grécia a partir de modelos catalográficos próximos aos que John Beazley utilizou para a produção cerâmica da Ática (SARIAN, 1995, p. 33).

8 “Segundo [John H.] Oakley, as principais ideias defendidas pelos críticos são: o interesse exagerado na atribuição em detrimento de outras áreas de estudo, especialmente da imagética; que as atribuições distorcem o conhecimento sobre os vasos e seus produtores, o que nos leva a supervalorizá-los; que as atribuições aumentam o valor monetário dos objetos, podendo encorajar o comércio ilegal de Antiguidades; que as atribuições reforçam a figura do indivíduo, enquanto o foco deveria ser dado aos movimentos sociais já que os pintores de vasos são figuras vagas, sem nenhuma realidade histórica ou social” (DIAS, 2009, p. 59).

Desde 1936, a *Union Académique Internationale* fomenta projetos de produção de catálogos especializados em cerâmica por museus de todo o mundo. Os museus com acervos cerâmicos se debruçaram na construção de um empenho comum, o *Corpus Vasorum Antiquorum* (CVA), que são catálogos de coleções locais baseadas metodologicamente nos estudos de Beazley. Estes documentos, por muito tempo, estiveram limitados aos próprios museus de origem e bibliotecas especializadas, o que dificultou seu acesso público por um longo período. Viagens e intercâmbios de estudos eram fundamentais (e certamente ainda são) como condicionantes da existência da própria pesquisa científica. Outro projeto de mesma envergadura é o *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae* (LIMC) que foi desenvolvido anos mais tarde, já em 1973, e ao contrário do CVA, preocupa-se com a sistematização de imagens mitológicas da antiguidade greco-romana, para além (mas em consideração) do suporte físico (SARIAN, 1995, p. 37). Ambos os empreendimentos atualmente estão em processo de digitalização e já estão disponíveis ao acesso público na internet, embora a indexação de informações e dados ainda esteja em um estágio mais inicial.⁹

Ao longo dos anos, informações, comentários, e análises foram revistas e ampliadas em consideração da ornamentalidade, estado de conservação e a análise contextual de acordo com as tendências epistemológicas de cada época – por vezes mais estruturais, por vezes mais simbólicas e socioculturais.¹⁰ Estas informações passaram a ser valorizadas e atualmente constituem parte do conteúdo catalográfico. A importância desses catálogos é tamanha que são, sobretudo, não o final, mas o ponto de partida e de referência das pesquisas sobre o mundo grego antigo.

No contexto atual das pesquisas observar, compilar, documentar e descrever o material continuam a representar os primeiros passos para o início da compreensão e caracterização de uma produção que pode ser relacionada a um indivíduo que, enfim, poderá ser compreendido em um contexto. Além disso, observando do particular para o geral, e fazendo o caminho inverso, pode-se compreender globalmente diversas questões culturais. As pesquisas que propõe a monografia do artista, feita através da análise das características estilísticas e formais, decorativas e iconográficas de personalidades, procuram reunir o máximo de informações sobre o indivíduo, para daí serem

9 *Corpus Vasorum Antiquorum Online*: <https://www.cvaonline.org/cva/>. Acesso em 20/05/2021. Digital *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae*: <https://weblimc.org/>. Acesso em 20/05/2021.

10 “Os estudos iconográficos do início do século XX foram alvos de crítica durante as décadas seguintes devido seu caráter estrutural e positivista. Foi a partir destes questionamentos de uma análise redutora da imagem em si mesma e do momento geral que as ciências humanas viveram durante a década de 1960 com a virada linguística, que o objeto visual se tornou um veículo simbólico e que passou a promover acesso à dimensão ideológica das formas. Neste berço nasceu a Arqueologia da Imagem tutelada pelos estudos semióticos e inexoráveis às análises de Phillipp Bruneau, um dos principais expoentes deste novo campo investigativo durante e após a década de 1970. É fundamental compreender que para Bruneau (1984) a imagem não é uma simples reprodução do mundo da vida, pelo contrário, toda representação é uma idealização de uma série de elementos que articulamos dentro de uma linguagem” (MENEGATTI, 2020, p. 17-18).

inferidos questionamentos e suposições que se estendam para o todo (DIAS, 2009, p. 61)

A agilidade do contexto contemporâneo tem exigido um acesso mais direto às informações a partir de motores de buscas eficientes e indexados, comentários mais claros, criteriosos, simples e diretos; plataformas descomplicadas e imagens de alta resolução, e quando possível representações gráficas e tridimensionais do vaso cerâmico. Atualmente, o que há de mais próximo desse ideal, em termos de abundância de informações, é o Beazley Archive e o CVA.

O trabalho de John Beazley assume na contemporaneidade o papel de referência nos estudos da cultura material antiga não apenas pelo seu esforço individual no início do século passado, mas pela atividade colaborativa desenvolvida a partir de sua obra.

Os trabalhos do Arquivo se iniciaram ainda na década de 1970, com a proposta de organizar toda a documentação relacionada às pesquisas ceramológicas de John D. Beazley. Em 1979, quando o Arquivo ainda funcionava nas dependências do Museu Ashmolean, da Universidade de Oxford, Reino Unido, foi iniciado um projeto de construção de bases de dados relacionais organizados eletronicamente. No início dos anos 1990, os mais de 34.000 vasos até então catalogados no banco de dados eletrônico foram colocados à disposição da comunidade acadêmica por meio de redes interligadas de acesso entre as maiores universidades da Europa e EUA. Em 1998, o Arquivo Beazley disponibilizou publicamente sua base de dados de cerâmica na internet, que, atualmente, contém mais de 100.000 fichas catalográficas e mais de 150.000 imagens de livre consulta (DIAS; SOUZA; CERQUEIRA, 2018, p. 31)

É somente através destes bancos de dados que podemos partir para uma investigação minuciosa e coerente, efetuar recortes diversos, seja por forma, contexto, ornamento, estilo e (ou) tema iconográfico e construir nossos próprios catálogos temáticos com informações originais.¹¹ Mas além disso, o trabalho de refinamento, qualificação e acessibilidade de um *corpus* documental está muito longe de se esgotar ou ensimesmar. Há muito o que ser feito, e ser feito por nós.

Mas como fazer? O trabalho de pesquisa, por vezes, é tortuoso o suficiente para nos causar vertigem, principalmente quando precisamos encontrar, absorver e articular e produzir grandes volumes de informação. Penso que seja oportuno, antes de qualquer outra coisa, discutir alternativas de dinamização dos processos de trabalho para que tanto a pesquisa quanto nós, estudantes, possamos nos adaptar melhor às mudanças e as necessidades do mundo contemporâneo e do progresso científico.

11 Ver tópico IV.

3. GESTÃO DE PESQUISA: metodologias ágeis e Scrum

A minha experiência com a pesquisa acadêmica teve início em 2017 em que desenvolvi um projeto de Iniciação Científica em Antiguidade Clássica ao longo de dois anos¹². Após a finalização do projeto em 2019, tive a oportunidade de observar em perspectiva os desdobramentos que os meus estudos e análises conquistaram. O projeto obteve menção honrosa no 26º Simpósio Internacional de Iniciação Científica da USP (2018), que consiste em um espaço entre os 100 melhores do evento com mais de 3,5 mil trabalhos de excelência. Contudo, é esperado que uma pesquisa encare muitos desafios. Seja a pesquisa de um novato, seja de pesquisadores mais experientes, muitos passaram (ou irão passar) por dificuldades em algum momento de sua formação. A promoção de um espaço de diálogo entre discentes, assim como a produção e consumo de relatos de experiência desta etapa da formação, penso que são especialmente úteis para compreender que uma dificuldade raramente não possui precedentes, e assim, o encontro da solução nem sempre precisa ser tarefa exclusiva de uma única pessoa.

Algumas questões surgem de maneira mais frequente do que outras, como, por exemplo, a rigidez do plano de trabalho. Nem sempre é possível se manter fiel à proposta original do projeto de pesquisa e as atividades desenvolvidas dificilmente seguem a sequencialidade do cronograma inicial¹³. Por mais flexível que se construa um projeto e um cronograma, eles não irão prever os imprevistos e os caminhos inesperados que o trabalho com as fontes nos apresentará. Embora seja motivo de preocupação de muitos, particularmente percebo estes desvios como parte do trabalho. Ainda que possamos construir um roteiro de pesquisa para nos guiar, é fundamental levarmos em consideração durante as análises possíveis ajustes e adoção de novos rumos de interpretação e contextualização. A criação de uma forma de trabalho que considere a flexibilização – pontual – dos caminhos da pesquisa é a questão deste tópico.

Durante os dois anos em que foi desenvolvida a pesquisa sobre a materialidade do mundo dos mortos na cerâmica ática fui constantemente confrontado pela realidade que resistia às minhas expectativas individuais. Enquanto esperava encontrar o objeto ideal que apresentasse categoricamente a iconografia prevista, fui assolado por uma quantidade enorme de material que apenas se refere indiretamente ao mundo dos mortos. O desafio, portanto, foi perceber como a narrativa mitológica do

12 Trata-se do projeto “A materialidade do mundo dos mortos nas representações iconográficas da cerâmica ática do Período Clássico” desenvolvido com orientação da Prof.^a Dr.^a Camila D. de Souza e sob a égide do grupo de pesquisa TAPHOS, do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP.

13 Hoje, eu penso que uma iniciação científica é mais do que apresentar resultados, ou seguir fielmente o cronograma inicial. Claro que isso é importante, mas perdoe-me leitor ou pesquisador mais experiente: ela também serve para manifestar todas as nossas dificuldades. Dessa forma, é útil para o aspirante a pesquisador identificar suas falhas, equívocos dos modos de pensar e estudar, inseguranças e medos do trabalho autoral, etc. É a partir desse mapeamento que percebi o que deveria melhorar e investir minha atenção e empenho.

além esteve permeada por outros imaginários, como o elogio ao heroísmo de Hércules ao capturar Cérbero no Hades ou a recepção de Caronte aos mortos e enlutados às margens do Rio Estige. Não havia, portanto, uma imagem cultural de um além ensimesmado, apenas alusões que serviam a diferentes funções. Estas imagens, de Hércules e Caronte, foram as amostragens mais significativas e que favoreceram interpretações muito ricas, pois, até então, este alinhamento temático tinha sido pouco explorado em estudos similares.

Este recorte temático foi relegado ao segundo plano por muitos estudiosos da Antiguidade Clássica – provavelmente até pelos próprios atenienses – como um pretexto contextual para o desenvolvimento da narrativa heroica, cômica e mesmo funerária. No entanto, a originalidade deste estudo cabe na centralização do tema do reino dos mortos em Atenas como detentor de uma historicidade própria através de elementos iconográficos e simbólicos que promovem dentro de um recorte temporal um imaginário comum que se capilariza numa variedade de narrativas e usos (MENEGATTI, 2020, p. 15-16).

É, evidentemente, um caso de ordem individual, cujos desdobramentos significativos demandam alguma reflexão mais elaborada. As nuances e os entremeios mais ordenados e refletidos deste percurso vivido podem interessar, creio, mais do que um testemunho de eventos. Assim sendo, o primeiro processo marcante foi a desconstrução de qualquer expectativa sobre o objeto em vias de desromantizá-lo. O que é essencial e não necessariamente fácil, pois, naturalmente, começo com perguntas (ainda que ingênuas) ao objeto e então as respondo. Em seguida, elaboro novas perguntas a partir destas soluções e na tentativa de respondê-las, o processo se perpetua. A operacionalização honesta do método científico muitas vezes desalinha o desejo subjetivo em relação ao objeto. Mas não deve oprimi-lo! As expectativas, ainda as vejo, como um impulsionador em direção da realização da ciência. Considero, portanto, a imaginação e a criação de livres associações um alimento fundamental no processo de pesquisa, ao mesmo tempo do ceticismo metodológico como filtro ponderador entre essa sensibilidade e a realidade objetiva. O equilíbrio a ser equacionado entre estas matérias divergentes, é uma das questões fundamentais (e tortuosas) para a minha eventual formação como pesquisador.

Neste vaivém de perguntas e respostas, a perda de foco é tentadora. Desse modo, a orientação é essencial para a realização dos objetivos da pesquisa. Tanto na manutenção das metas do estudo quanto na validação de eventuais alterações de roteiro e cronograma. A insistência no objetivo ou a compreensão de seu esgotamento são questões complexas demais, elas requerem uma flexibilidade de planejamento que não podem ser solucionadas unilateralmente, principalmente a vista do bem estar do pesquisador e de seus prazos. Um diálogo franco e engajado entre discentes e docentes é, portanto, um ponto chave no trabalho que vai do projeto de pesquisa à redação dos resultados. Contudo, este cenário - longe de uma proposta burocratizada - também deve ser refletido e construído explicitamente na realidade.

Proponho a seguir, uma sugestão de categorização de etapas de moderação do trabalho acadêmico, uma reflexão mais explícita da gestão de projetos para pesquisas mais integradas e colaborativas entre seus agentes. Com tais características, há uma ampla literatura sobre a otimização de tempo e resultados no espaço de trabalho. Mas, antes de mais nada, é preciso frisar que muitos esforços já têm caminhado em sentido colaborativo em nosso país, de forma que este texto é incentivado e realizado neste contexto. Espaços mais integrados e produtivos são realidades em ambientes que valorizam, por exemplo, revistas acadêmicas voltadas à produção discente e revisão docente, assim como a integração de grupos de pesquisa e locais de debate onde todos tenham condições de contribuir e dialogar com os colegas de trabalho.

Há pelo menos vinte anos, alguns modelos alternativos e mais flexíveis de organização e estruturação do plano de trabalho têm trazido bons resultados nas áreas afins da tecnologia digital, e mais recentemente também em algumas áreas da pesquisa acadêmica. Atualmente, há a perspectiva em curso de que a ideia do gerenciamento de projetos a partir da sua divisão em tarefas sequenciais (dependentes de uma linearidade do trabalho) tem sido, cada vez mais, alvo de críticas no que diz respeito à sua adequabilidade aos percursos tortuosos da pesquisa.

Há muitas ressalvas a serem feitas sobre a economia de mercado em que nossa sociedade se sustenta, entretanto, é inegável o potencial de alguns setores, como a Tecnologia da Informação (TI), tem em se adaptar com qualidade à velocidade de produção e consumo a partir das Metodologias Ágeis (*Agile Methodology*).¹⁴ A questão, ao meu ver, é transformar seus princípios abstratos em um formas de organização do trabalho viáveis para um ambiente acadêmico mais convidativo, flexível às mudanças e que exerça continuamente a sua qualidade e adequabilidade científica. O desenvolvimento de modos de gerenciamento de atividades, acompanhamento transparente do passo-a-passo, formas de trabalho mais adaptativas e colaborativas, reuniões mais curtas (frequentes e eficientes), foi uma necessidade observada no universo da TI a partir de questionamentos e queixas similares àquelas presentes no ambiente de pesquisa científica.

14 Surgiu na área de TI em meados dos anos 90 uma espécie de filosofia aplicada da agilidade, de modo a suprir as demandas qualitativas de clientes e dos agentes da produção de softwares. Ela tinha como objetivo otimizar a produção em perspectiva de uma valorização das necessidades de colaboradores e clientes. O Agile Manifesto (2001) é uma das primeiras tentativas de condensação destas ideias na indústria de software. O manifesto propõe 12 princípios fundamentais: (1) tornar a satisfação do cliente uma prioridade através de entregas contínuas e frequentes; (2) aceitar a mudança de requisitos, mesmo em uma fase avançada do projeto; (3) entregar software com frequência, no menor período de tempo possível; (4) criar sinergia entre as equipes de negócios e de desenvolvimento de forma que possam trabalhar juntas no dia a dia; (5) manter uma equipe motivada proporcionando o ambiente, o suporte e a confiança necessários; (6) permitir a disseminação de informações eficientes através de conversas face a face; (7) ter um sistema funcionando é a melhor medida de progresso; (8) promover o desenvolvimento sustentável por meio de processos ágeis; (9) a atenção contínua à excelência técnica e ao bom projeto aumenta a agilidade; (10) seja simples; (11) permitir que as equipes se auto-organizem usando as melhores arquiteturas, requisitos e projetos; (12) faça uma reflexão em intervalos regulares sobre como se tornar mais eficiente e ajustar e otimizar o comportamento (LIMA; FREIRE; COSTA, 2012, p. 16).

Muito esforço tem sido empregado na adaptabilidade destes princípios no ambiente acadêmico. O *Scrum*, é uma de suas formas de aplicações dos métodos ágeis mais bem estabelecidos nos locais de trabalho que demandam integração e produtividade. Este modelo “não é um processo ou técnica para desenvolvimento de produto, mas uma estrutura interativa e incremental. Esta estrutura pode ser usada com diferentes processos e técnicas funcionando bem em um ambiente de constantes mudanças” (LIMA; FREIRE; COSTA, 2012, p. 18).

Esta busca consciente por soluções pode otimizar processos ou mesmo encontrar respostas e construir protocolos mais flexíveis e personalizados a partir da característica de cada área, grupo e pesquisador. Laura Pirro, PhD em engenharia química, em sua coluna na revista Nature, publicou o artigo “*How agile project management can work for your research*”(2019), em que buscou identificar problemas na gestão de pesquisa e propor soluções a partir da aplicação da Metodologia Ágil e do *Scrum*¹⁵.

Em um plano de gerenciamento ágil de projetos, um resultado inicial, parcial, que pode ser aprimorado em uma etapa posterior, importa mais do que um resultado perfeito alcançado apenas no final do projeto. (...) Apesar de ser fonte de muitas inovações tecnológicas, os acadêmicos parecem estar atrasados em adotar a abordagem ágil (PIRRO, 2019).

A crítica de Pirro se baseia na típica adoção de abordagens de cascata, que, ao administrar as atividades do projeto, se separa em tarefas consecutivas. Por exemplo, se distingue e se detalha tarefas sequenciadas linearmente: a construção dos dados e experimentos, a execução, e a análise interpretativa e conclusiva da pesquisa. Dessa forma, apenas o final do projeto apresentará resultados, e de forma massiva, a serem mostrados para a comunidade. Contudo, este processo é contraditório com o aumento da exigência da produtividade e alto rendimento profissional de nosso tempo. É esperado, hoje, do discente e (ou) pesquisador um desempenho e qualidade no curto prazo que é alcançado apenas no longo prazo, ou seja, ao final de seu trabalho. Estes desalinhamentos entre expectativas e entregas podem gerar inúmeros transtornos tanto no ambiente social quanto na saúde mental dos indivíduos. Portanto, o alto quantitativo de publicações de resultados tem sido cada vez mais exigido e cada vez menos administrados com qualidade em vista do valor do resultado e do bem estar do pesquisador¹⁶.

15 PIRRO, L. (2019) “*How agile project management can work for your Research*” in: Career Column, Nature Careers Community: <https://www.nature.com/articles/d41586-019-01184-9>. Acesso em 20/05/2021.

16. O problema de saúde mental em alunos de graduação e pós-graduação é um problema mundialmente reconhecido e presente em nosso cotidiano universitário. Aos poucos passa a ser debatido no Brasil a necessidade da criação de centros de atendimento psicológico, mas também refletir maneiras mais tangíveis de ajustar os processos de pesquisa para as necessidades de cada um, tendo em vista o bem estar do pesquisador, ao mesmo tempo da qualidade da entrega dos resultados. Obviamente, a resolução destes problemas não é simples e imediata, mas a aplicabilidade de

Sem dúvidas, estes são problemas demasiadamente complexos para serem resolvidos unilateralmente, mas a curto prazo pode-se atenuar alguns destes sintomas com uma otimização da dinamicidade da gestão da pesquisa acadêmica. É por esta razão que, particularmente, compreendo ser uma contribuição viável o início de um diálogo sobre este assunto, partindo preliminarmente de sugestões como a de Pirro, para a aplicação dos Métodos Ágeis. A autora se baseia em um protocolo experimental: a divisão do trabalho (1) é verticalizada, estabelecendo prioridades em camadas de complexidade independentes, mas colaborativas. As etapas propostas devem atingir pequenos resultados tangíveis. Portanto, é preciso um (1a) planejamento e execução de um menor número de experimentos, seguido de processamento e interpretação imediata dos dados; seguido (1b) de um aumento do número de variáveis a serem investigadas, execução de novos experimentos, fusão de dados novos e antigos e processamento; e, por fim, (1c) aumenta-se a abrangência dos dados a serem adquiridos para cada variável, execução de novos experimentos, fusão de dados novos e antigos e processamento (PIRRO, 2019).

Seguido da divisão do trabalho, é necessário o plano de duração de cada camada de atividade, algo entre 2 a 12 semanas. Esta etapa é chamada de *sprint* (2) e podemos dividi-la em planejamento (2a) e execução (2b). No planejamento estabelecemos acordos com orientadores, supervisores, o programa institucional e as agências de pesquisa, sobre a quantidade e periodização de entregas mais realistas e transparentes. São definidos, além das metas finais do *sprint*, reuniões periódicas mais curtas, dinâmicas e objetivas (*Scrum*) que são fundamentais para a compreensão do trabalho feito e um feedback, conseqüentemente mais efetivo e voltado aos resultados práticos. A execução, por sua vez, se detém no trabalho focado, primordial para o andamento do projeto, mas sem a carga excessiva de estresse de uma tarefa longa e laboriosa.

O *Scrum* (3), um dos modelos de trabalho ágil, propõe encontros semanais com no máximo 15 minutos para a revisão do andamento do *sprint*. De acordo com Pirro, essa etapa deve ser curta e eficiente:

Esta reunião deve ser curta e eficiente - tente fazer uma reunião em pé, sem laptops ou papéis. Apenas três questões precisam ser respondidas: o que foi feito na semana anterior para contribuir com a meta? (Por exemplo, quais experimentos foram realizados?) O que será feito na próxima semana para contribuir com a meta? (Por exemplo, quais experimentos serão realizados a seguir?) E, há algum impedimento? (Por exemplo, a configuração está funcionando corretamente? Todos os materiais necessários estão disponíveis?) (PIRRO, 2019).

suporte psicológico e de métodos mais ágeis no ambiente acadêmico podem ser alternativas interessantes, quando em conjunto, para formação discente, se averiguado diminuição de situações de estresse e mais satisfação com os resultados. Para saber mais sobre a aplicação de métodos ágeis no ambiente de trabalho e sobre as questões de saúde mental no ambiente universitário, indico dois artigos da Revista Pesquisa Fapesp (2017): Softwares em transformação: <https://revistapesquisa.fapesp.br/software-em-transformacao/>. Acesso em 20/05/2021); e Distúrbios na academia: <https://revistapesquisa.fapesp.br/disturbios-na-academia/>. Acesso em 20/05/2021).

A última etapa trata-se da revisão retrospectiva e planejamento do novo *sprint* (4). O maior número de agentes que estão associados ao projeto de pesquisa, como orientadores, colegas do grupo de estudo, e outros integrantes do projeto, são convocados para a discussão e validação dos resultados alcançados.

No final do *sprint*, reúna-se com todas as partes interessadas para discutir os resultados e se eles estão de acordo com as expectativas (revisão). Reserve algum tempo para entrar em detalhes e fazer um *brainstorming* analítico juntos. Discuta as dificuldades encontradas, para que o próximo *sprint* seja melhor que o anterior (retrospectiva). Esta é a fase de ‘remoção de impedimentos’ ou solução de problemas. Honestidade e transparência são cruciais. O *Agile* se adapta às mudanças: os planos podem mudar. Volte para a etapa um e reinicie o planejamento, abordando a próxima camada de trabalho em um novo *sprint* (PIRRO, 2019).

É importante retomar, conclusivamente, que as metodologias ágeis não são um corpo único de procedimentos a serem aplicados em qualquer área de pesquisa acadêmica. Esta apresentação destina-se a uma discussão inicial, um esboço de suas possibilidades, cuja aplicação necessita de uma investigação tanto de seus fundamentos quanto dos casos que se destinam a sua justaposição. Ela necessita, e esta é a sua vantagem, se adaptar às exigências e demandas de cada tipo de projeto. O *Agile* é, sobretudo, um modo de repensar o modo que fazemos pesquisa a partir do aprimoramento e valorização de realizações. A este respeito, muitos procedimentos já são utilizados quase que intuitivamente e informalmente na rotina de estudos dentro da estrutura acadêmica, contudo há outros vícios que podem engessar as relações e as produções de resultados. Neste sentido, novos pesquisadores e discentes que desejam encontrar protocolos e maneiras mais objetivas de conduzir seus projetos e lidar com o ambiente acadêmico, talvez possam achar nesta exposição algumas alternativas de otimização do funcionamento e a satisfação com os resultados individuais alcançados.

4. CATÁLOGOS TEMÁTICOS

Com a proposição de um diálogo sobre as demandas e a organização de uma postura discente em relação ao ambiente acadêmico, exponho neste tópico uma complementação de sugestões práticas. Apontarei, portanto, em direção a propostas realizáveis e objetivos que considero importantes na construção de projetos alinhados ao estudo da cultura material da Antiguidade para o tempo presente.

Assim sendo, em primeiro lugar, considero que a digitalização e a indexação

online de informações (conexão de dados objetivos aos motores de busca) mais do que uma necessidade, é uma questão de sobrevivência no mundo contemporâneo. Encontrar informações rapidamente a partir de palavras-chave em sites de pesquisa, artigos científicos, catálogos e dicionários que estão hospedados na internet tem sido uma revolução na maneira que nós pesquisamos e nos relacionamos com o conhecimento. O volume de leitura para a construção da erudição e de uma pesquisa robusta só tem se tornado possível a partir da ampliação do acesso à informação. Não estamos mais limitados às bibliotecas e verdade seja dita, nem aos direitos autorais. A grande questão, portanto, é a curadoria e a objetividade da informação.

É neste contexto que os catálogos digitais, principalmente àqueles dedicados à cerâmica grega, têm ampliado o acesso à pesquisa ao nível global. A construção de catálogos temáticos do objeto cerâmico, estabelecendo critérios de análise adaptáveis ao objeto, mais do que a objetividade científica, almeja-se a padronização do vocabulário para favorecer o sistema de busca e o cruzamento de informações. O exercício arqueológico é especialmente atingido por essas transformações tecnológicas.

Encontrarmos quantas e quais ânforas de pescoço foram produzidas por um determinado artista e quantas delas são pintadas com narrativas mitológicas, está a um clique na função “localizar” de qualquer software - desde que a informação esteja padronizada. Construir uma pesquisa científica na área de Arqueologia Clássica, passa invariavelmente pela habilidade de produzir dados objetivos sobre a materialidade e visualidade da cultura material. As análises decorrentes desta sistematização passam pelo levantamento bibliográfico de discussão simbólica e contextual destas informações catalográficas.

O processo de “decodificação” e leitura dessas mensagens implica a necessidade de estabelecer determinados instrumentos metodológicos, que viabilizem a análise da cultura material por meio de seus diversos tipos e categorias: cerâmica, metais, imagens e seus suportes físicos, contextos funerários, estruturas arquitetônicas, inscrições, etc. A sistematização do registro arqueológico por meio da classificação tipológica dos objetos, fundamentada em aspectos morfológicos, cronológicos, técnicos, estilísticos e iconográficos, por exemplo, constituem uma etapa fundamental na produção do conhecimento arqueológico. Além disso, a elaboração de catálogos e corpora documentais também possibilita maior variabilidade interpretativa das fontes materiais, alcançando abordagens e perspectivas diversificadas do conhecimento das sociedades (DIAS; SOUZA; CERQUEIRA, 2018, p. 26).

Portanto, quais informações e variáveis analíticas podemos extrair de um objeto físico na composição de um *corpus* documental? Para isso, precisamos de um espaço de trabalho digital eficiente e intuitivo para agregar estas informações em conjunto. Um dos softwares mais utilizados para a composição de banco de dados

que utilizam imagens é o *Filemaker Pro*¹⁷ (ressalto que a escolha não é única e a articulação de dados pode ser desenvolvida e adaptada para diferentes plataformas). Este programa permite a criação e alimentação facilitada de fichas de análise, assim como o cruzamento posterior de informações e variáveis. No caso da cerâmica grega, alguns critérios já são amplamente aceitos e utilizados pelos catálogos mais tradicionais. Entretanto, a potência de análise de qualquer banco de dados passa pela centralização do maior número de informações disponíveis e seu acesso rápido e fácil.

Tais recursos eletrônicos são amplamente utilizados e desenvolvidos na área dos estudos medievais, principalmente no campo semântico; em particular na França, a elaboração de bancos de dados sistematizados a partir de vocábulos específicos tem como objetivo viabilizar o acesso às informações da documentação textual e discutir os resultados e as leituras estatísticas na interpretação dos documentos na produção do conhecimento histórico (DIAS; SOUZA; CERQUEIRA, 2018, p. 29).

Entre as informações mais convencionais, estão a numeração catalográfica (1) do *corpus* proposto. Quando referenciamos um objeto analisado, é esta informação que o leitor irá buscar para a sua localização mais ágil, principalmente em bancos de dados extensos. Da mesma forma da criação de uma numeração específica para o catálogo discente, é oportuno a citação de outras numerações atribuídas ao objeto, como o código individual do objeto da ficha museológica (2) e de outros bancos de dados de referência como o número de Beazley Archive (3). Outros critérios fundamentais são o centro de produção (4), proveniência (5) e datação do objeto cerâmico (6). Além disso, confere-se a atribuição do artista (7), estado de conservação da materialidade (8), a forma morfológica (9), o estilo (10) e as referências bibliográficas dentro do registro (11).

Estes critérios consistem em informações básicas sobre a materialidade da cerâmica. Todavia, outras informações são mais subjetivas e de interpretação relacional com outras fontes de informação. Por exemplo, a visualidade da cerâmica através de imagens do objeto (12) são fundamentais para a compreensão tanto da materialidade descrita acima, quanto da iconografia e ornamentação. Apesar de fundamentais, as imagens ainda são pouco acessíveis, em vista da qualidade das fotografias e desenhos que chegam até nós. O Beazley Archive, afortunadamente, possui mais de 150 mil imagens em seus arquivos da cerâmica grega, mas que são protegidas por direitos autorais. Muitas vezes estas imagens condenam a verificação de informações por serem muito antigas, desatualizadas e sem qualidade cromática (estão em escala de cinza). Em menor escala, museus disponibilizam em seus acervos digitais, fotografias de melhor qualidade e coloridas. Este cuidado na divulgação, infelizmente, ainda é dedicado a um número muito pequeno de objetos. Um recorte ainda menor está disponível em domínio público para a utilização em publicações de dissertações, teses,

17 Software desenvolvido pela *Filemaker Inc.* e subsidiária da empresa Apple.

livros, artigos e a produção de novas imagens esbarra em direitos de uso exclusivo das coleções.

Uma das soluções mais utilizadas atualmente é o estudo e produção de representações gráficas destes objetos com base nas imagens e fotografias disponíveis na internet. Além de uma alternativa da ausência de imagens disponíveis ao uso, é uma outra maneira de apresentar informações técnicas na forma visual. A disseminação de desenhos vetorizados é bastante valorizada por sua possibilidade de manipulação e apresentação em diferentes escalas sem perder a qualidade dos detalhes. Além disso, é possível demonstrar questões estilísticas e iconográficas sem perder a atenção à materialidade da morfologia do vaso. Há inúmeros tipos de soluções gráficas que possibilitam a apresentação da iconografia sem distorção visual ou negligências com o suporte físico.

Desenvolver uma decoração significa desenhar a superfície que a contém em um único plano, seja ela plana ou curva. No entanto, nem todas as decorações podem ser trazidas de volta à superfície sem sofrer deformações mínimas. Entre os vários procedimentos elaborados para desenvolver superfícies curvas, pode ser feita referência ao das “projeções de desenvolvimento”. Nas projeções de desenvolvimento, os motivos decorativos são mostrados em uma superfície auxiliar, ou seja, um sólido que pode ser desenvolvido em um plano (cilindro, cone) (ANDREOLI, 2003-4, p. 34).

A produção de representações gráficas passa pelo mesmo patamar da criação de *corpus* documentais. É uma curadoria (tecnicamente visual) do pesquisador direcionada às informações que o mesmo acha necessário ilustrar ao lado dos dados da ficha catalográfica.

A produção de conhecimento também usufrui de agregação de valor estético e didático na análise desenvolvida cientificamente. Desde o registro dos objetos para análise, interpretação simbólica e contextual, na produção de artigos científicos, são, antes de mais nada, curadoria da informação para construção do conhecimento. A visualidade da pesquisa também é um tipo de informação a ser elaborada! Assim, concomitantemente às formas de acessar a informação, é extremamente proveitoso também focar em melhorar cada dia mais as formas visuais (não só, é claro) do trabalho para que alcancemos a excelência em nossa formação discente.

Tanto em consideração das imagens disponíveis quanto àquelas que são produzidas pelos próprios pesquisadores, temos as fontes das análises iconográficas e ornamentais. É no conteúdo visual que podemos decodificar símbolos, representações visuais, modos de estilização e composição dos vasos cerâmicos. A descrição dos motivos ornamentais (13) consiste na identificação e classificação da decoração do vaso ou fragmento cerâmico. A análise do ornamento do vaso, compreende-se como toda a área adjacente ao painel da cena iconográfica (14). Esta, por sua vez, é a composição figurativa onde é representada algum tipo de narrativa cotidiana, mitológica, heróica, funerária, e etc. A composição pode ser subdividida, ou mesmo,

contrastada por outras imagens, em regiões que geralmente são separadas por uma ou duas alças – salvo vasos com três alças – em lado A e lado B, de modo a apresentarem cenas distintas com potencial relacional entre elas.

A descrição das imagens demanda objetividade e clareza da redação. A sistematização verbal dos elementos visuais passa por uma tradução intermídia que deve seguir padrões de linguagem. Existem muitas formas de construir um modelo de interpretação padrão, como pode ser verificado em qualquer catálogo iconográfico cientificamente adequado. Contudo, seguir um conjunto de regras de descrição é fundamental tanto para o valor científico quanto pela acessibilidade dos resultados na busca de informações.

A codificação textual da informação visual na construção do catálogo desenvolvido durante a pesquisa que antecede este artigo, foi proposta na seguinte ordem: de cima para baixo, da esquerda para a direita. É observado, em primeiro lugar, os vernizes (fundo da imagem sem pigmento e derivado do processo de queima) nas áreas de borda, pescoço, alça, pança (corpo) e pé. A descrição começa pela indicação da parte do vaso a ser analisada a imagem decorativa ou iconográfica. As descrições iconográficas se estabelecem em ordem: figura humana (masculina ou feminina); identificação iconográfica entre parênteses (divindades, entidades, hoplitas, mortos); posição do corpo (em pé, sentado, ajoelhado, etc.) e ação do personagem (dentro da barca no caso de Caronte, levantando rocha no caso de Sísifo, etc.); descrição de elementos anatômicos específicos (como as asas de Thánatos e Hypnos); roupas usadas pelas figuras (peplo, himátion, quíton, exomis, etc.); acessórios dispostos pelo corpo (bainha de espada, aljava, etc.); cor da pele (no caso de representações femininas no estilo de figuras negras); cabelo, como cor, comprimento, disposição e presença de ornamento (tainía, diadema, elmo, etc.), seguido pela presença de barba no caso das figuras masculinas; pernas (descritas no caso de estarem flexionadas ou levantadas) e pés relatados como descalços ou com sapatos (pédilas, etc.); e finalmente braços (estendidos ou arqueados) e mãos (levantadas ou não) seguida pela descrição do objeto portado pela personagem (caduceu, cetro, clava, etc.). Os objetos representados na cena são descritos, como a decoração, a partir de convenções referenciadas apresentadas no glossário visual da pesquisa.¹⁸ Abaixo apresento, então, uma ficha catalográfica que apresenta estes critérios.

18 Por que chamamos de um determinado nome aquilo que vemos? Este alinhamento entre uma palavra e um elemento imagético é feito no levantamento amostral de imagens que contenham o objeto, seguido de uma pesquisa semântica das palavras que usamos para nos referir a eles. Posteriormente, organiza-se todas essas informações em fichas individuais contendo (1) as imagens, (2) o nome utilizado, (3) comentário descritivo e (4) as referências utilizadas.

A.080

Número de inventário
30035

Número Beazley Archive
206035

Coleção
Berlim, Antikensammlung

Datação
470-460 a.C.

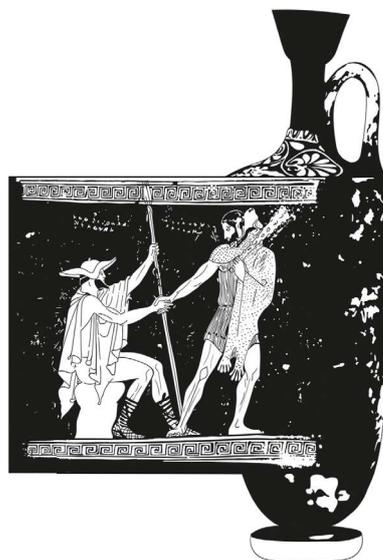
Centro de Produção
Atenas

Contexto arqueológico
Italia, Tarento

Atribuição
Pintor Alkimachos

Forma
Lécito cilíndrico

Estado de conservação
Pintura conservada
Cerâmica conservada



Motivos ornamentais

Vaso pintado com **verniz negro**. Decoração com faixa de **linguetas duplas**, três conjuntos de **palmetas** dispostos no ombro inversamente entre si e dois conjuntos de **palmetas de ponta** paralelos à borda; faixa de **meandros** no friso superior; e faixa de **meandros** na base da cena.

Iconografia

Figura masculina (**Pirítoo**) sentada sobre uma rocha. Veste um **clâmide**. Cabelo negro, curto e decorado com **pétaso**; barba. Pés apresentam **pédilas**. Braços estendidos; porta um **cetro**, que se apoia no chão, na mão esquerda levantada; segura a mão de Hércules com a mão direita levantada. Figura masculina (**Hércules**) em pé. Veste um **quítôniscos** e a **pele do Leão de Neméia**. Cabelo negro, curto e decorado com **tainia**; barba. Pés descalços. Braço esquerdo arqueado; braço direito estendido; porta **clava**, que se apoia no ombro, na mão esquerda levantada; segura a mão de **Pirítoo** com a mão direita levantada.

Referências bibliográficas

Backe-Dahmen, A., et al., Greek Vases, Gods, Heroes and Mortals (Londres and Berlim, 2010): 31, Nº 13.
Beazley, J.D., Attic Red-Figure Vase-Painters, 2nd edition (Oxford, 1963): 532.57.
Boardman, J., Athenian Red Figure Vases, The Classical Period (Londres, 1989): Fig.47.
Burn, L., and Glynn, R., Beazley Addenda (Oxford, 1982): 124.
Carpenter, T.H., with Mannack, T., and Mendonca, M., Beazley Addenda, 2nd edition (Oxford, 1989): 255.
Corpus Vasorum Antiquorum: Berlim, ANTIKENSAMMLUNG 13, 25, 26, 27, Fig.4, BEILAGE 3.1, Pls.(4501,4502) 8.1-5, 9.1.

Ficha catalográfica nº A.080 do corpus documental da pesquisa de iniciação científica “A materialidade do mundo dos mortos nas representações iconográficas da cerâmica ática do Período Clássico” (2019)

Esta abordagem é vinculada às propostas do Laboratório de Estudos da Cerâmica Antiga da Universidade Federal de Pelotas (LECA-UFPEL) que de maneira geral sugere o amplo uso e construção de bancos de dados digitais baseados no modelo do Beazley Archive.

A intenção é que essa produção possa dialogar com os demais bancos de dados, na medida em que forneça informações complementares às já disponibilizadas, promovendo para a comunidade acadêmica acesso a informações produzidas em nosso país, em língua portuguesa. (...) Estes modelos devem ser inicialmente observados e entendidos em suas singularidades para que se proponham novos critérios de organização, em que as informações sejam básicas e o mais descritivas possíveis para que viabilizem novos tipos de interpretação. Os bancos de dados gerados a partir desta documentação de referência serão criados e alimentados de acordo com as diferentes possibilidades de recortes cronológicos, formais, temáticos, entre outros (DIAS; SOUZA; CERQUEIRA, 2018, p. 32).

Dentro da área acadêmica, esta é uma proposta que se enquadra facilmente dentro de relações mais dinâmicas e ágeis da gestão da pesquisa. Os catálogos temáticos possuem módulos de informações que são as fichas individuais. Elas podem ser reunidas em pequenos grupos e acompanhadas de pequenas análises desde o início da pesquisa. Dentro de recortes de trabalho, é possível ampliar e complexificar informações e variáveis em *sprints* consecutivos. As conclusões são pensadas desde o início e problematizadas conforme a quantidade de dados materiais vai crescendo (perguntas, respostas e mais perguntas!). Pensar em modelos alternativos de utilizar os catálogos é uma forma de criar opções para diferentes situações e tipos de formação.

Além disso, a criação de fichas para cada objeto permite também novos tipos de recortes e alinhamentos temáticos que ultrapassam a cerâmica e o mundo grego. A possibilidade de mapear temas iconográficos ao longo da história humana dentro de catálogos temáticos, por exemplo, não há perda de materialidade e especificidades temporais quando preservadas suas informações ontológicas. Observar, por exemplo, como o período medieval lidou com os motivos ligados ao mundo dos mortos em afrescos e iluminuras em relação ao mundo grego, possui no *corpus* documental uma chance de comparação menos superficial quando buscado um alinhamento do vocabulário descritivo para as informações convergentes, e a desvinculação da linguagem em elementos distintos, de modo a manter sempre em vista as suas similaridades e diferenças.

Outro aspecto bastante relevante dos corpora documentais é sua versatilidade de apresentação. Em seguida, veremos uma maneira de produzir conteúdo para as novas gerações que podem estar vinculados a pequenos recortes de análise. Gostaria de propor algumas reflexões de como estes catálogos podem servir para propósitos além da pesquisa científica, mas fonte de conhecimento para recursos didáticos em animações, roteiros de conteúdo audiovisual, e etc. O modelo de pequenos grupos de vasos e pequenas interpretações qualitativas, podem servir de matéria-prima da produção de conteúdo de uma educação para o futuro que já se desenha nas plataformas digitais.

5. CONCLUSÃO: *inspirações pedagógicas*

Uma pesquisa científica produzida em universidades públicas possui entre seus objetivos a tarefa de retorno social do valor investido pela sociedade para o seu desenvolvimento. Dentro dessa perspectiva e cumprido às exigências de valor acadêmico, a utilização do conteúdo científico como fonte de soluções pedagógicas tem sido cada vez mais recorrente nos últimos anos. A construção de espaços de conversas e debates com a comunidade tem encontrado atenção em projetos pedagógicos na área de Arqueologia e História Antiga. A construção de exposições de cultura material da antiguidade¹ e projetos de discussão de cultura pop por uma perspectiva acadêmica tem tido resultados e substancialidade bastante importantes². É tarefa da nossa geração a formação de ambientes colaborativos e acolhedores para a produção científica e difusão social do conhecimento, em especial, das humanidades. Dinamizar os processos de produção da pesquisa e tornar a sua gestão menos desgastante abre espaço para aplicar o conhecimento acumulado em projetos de aplicabilidade prática como vídeos, podcasts, roteiros, representações gráficas e animadas. Os pequenos recortes de análises e interpretação dos métodos ágeis, podem constituir nesses tipos de atividades.

A caracterização dos resultados parciais, obtidos através de cada *sprint* de pesquisa, podem consistir em pequenas e ricas análises rigorosas em conjunto com a literatura científica. Mas não só! Pode-se extrair delas exercícios didáticos, como a construção de um roteiro a ser aplicado em um vídeo, um episódio de um podcast, ou um texto para um blog. Estas possibilidades, quando associadas à rotina da pesquisa, promovem um engajamento ao assunto trabalhado e um aprendizado mais rico, autoral, e propositivo à comunidade.³ As atividades extracurriculares e

1 Não se pode deixar de citar e lembrar que muito esforço neste sentido tem sido feito, a exemplo do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. O Museu de Arqueologia e Etnologia possui uma valiosa reserva técnica de cerâmica grega que deve ser prestigiada pelo museu, pelo público universitário e pela sociedade como um todo, em vista de promoções das razões e motivos de sua preservação. A exposição "Polis: Viver na Cidade Grega" (2016) realizada pelo museu, que além de apresentar seu acervo também expôs conteúdo digital, maquetes, e trabalhos que tornam acessível e didática a recepção da informação científica.

2 O projeto Pipoca Clássica, criado em 2014, é um empreendimento multidisciplinar desenvolvido pelo LECA-UFPEL que se propõe a discussão com a comunidade de produções cinematográficas associadas à História Antiga, de modo a tentar suprir uma lacuna entre a academia e a cultura pop, pois é bastante "comum historiadores e arqueólogos evitarem discutir filmes, séries e documentários de caráter histórico, ou seja, produções que tratam de assuntos muitas vezes 'apropriados' por esses pesquisadores. De acordo com Robert Rosenstone (1995), isso acontece porque nós, os investigadores, julgamos os filmes da mesma maneira que julgávamos uma obra científica, com enorme rigor acadêmico. Nessa linha, somos induzidos, na maioria das vezes, a rotulá-los como incorretos, falsos e imprecisos, distanciando-os ao máximo das pesquisas científicas 'sérias'" (DIAS; SEGER; OGAWA, 2017, p. 162).

3 "A comunicação entre pesquisadores e público geral é tema de debate crescente em diversas áreas do conhecimento. Como pesquisadores, estamos cada vez mais cientes de que é preciso desenvolver e considerar novos métodos de divulgação científica. Porém, na maioria das vezes, essas constatações não encontram resultados no sentido da maior e melhor difusão dos temas que estão sendo pesquisados no âmbito da universidade, nem mesmo no que se refere aos livros didáticos

informais despertam no aluno a necessidade complementar a sua formação com aprendizados que não se conquistam na academia, mas, sobretudo, fora dela.

Integrar ao cotidiano da pesquisa científica a busca por soluções que não necessariamente se encontram em sala de aula, como editar um vídeo, produzir uma representação gráfica, oferecer uma aula online e gratuita à comunidade, é dar os meios necessários para que o pesquisador desenvolva sua autonomia profissional. No mundo presente, a dependência das oportunidades oferecidas pelo ambiente acadêmico é fonte de frustração crescente entre discentes e pesquisadores. Bolsas de estudos, intercâmbios internacionais e concursos públicos têm, nos últimos anos, encontrado uma competitividade cada vez maior e, muitas vezes, desleal. A quantidade de oportunidades não acompanhou o número crescente de novos pós-graduandos, e o índice de desemprego neste grupo é preocupante.

Penso que a pós-graduação na área de humanidades precisa observar novas possibilidades de trabalho com pesquisa científica, mas mais do que isso, do trabalho a partir da pesquisa. Como podemos materializar novas viabilidades profissionais de pesquisadores se a academia e os seus agentes, de maneira geral, ainda operam as mesmas expectativas de trabalho do século passado?

No século do acesso à informação, é fundamental compreender que a pesquisa é o início de um leque cada vez maior de possibilidades e que a maior parte delas passam pela utilização e ocupação dos espaços digitais, de acordo com os padrões de excelência de cada dimensão deste espaço. O tipo de trabalho que exercemos hoje, certamente não será o trabalho que exerceremos no futuro, caso tenhamos entendido e internalizado a necessidade de dinamização do trabalho, da multidisciplinaridade, e da adaptação às mudanças.

Todas estas reflexões não devem ser vistas como uma motivação para o trabalho individual e competitivo. O fôlego solitário é limitado. Como vimos anteriormente, a atividade colaborativa é essencial. Certamente, o nome de John H. Beazley não seria tão grande atualmente sem o esforço conjunto de muitas mãos ao longo do tempo. Quando nos inserimos em ambientes colaborativos como grupos e laboratórios de pesquisa, e cada agente se responsabiliza em compartilhar o aprendizado, ao mesmo tempo da divisão de tarefas de uma atividade maior, os resultados se tornam escaláveis e menos exaustivos. Aprendemos mais profundamente quando explicamos a outras pessoas aquilo que absorvemos em um momento anterior.

As formas tradicionais de produção de conhecimento científico funcionam relativamente bem para a comunidade acadêmica, pois é correto desejar que os dados e as análises estejam livres (ou pelo menos amenizados) de ruídos subjetivos. Entretanto, a difusão social do conhecimento passa por outros critérios. São as buscas por soluções sensíveis ao que é produzido com excelência além dos muros da universidade e a conseqüente associação criativa com o conteúdo acadêmico através de recursos didáticos, acessíveis, estéticos, e etc, os meios para tornar o conhecimento socialmente valorizado em um mundo contemporâneo assolado pelo excesso de

da educação básica. Muitas vezes, essa ineficácia em alcançar o público se deve à dificuldade ou inexistência de comunicação no momento do desenvolvimento de projetos de pesquisa e também durante sua execução (DIAS; SEGER; OGAWA, 2017, p. 159)

informação e desinformação. São formas, portanto, que podem buscar a atenção da sociedade para a produção científica, seja desde cedo no período escolar, mas também, um público leigo mais engajado e compreendido nos temas da Arqueologia Clássica.

O vídeo e o conteúdo online desempenham um papel mais importante na vida das pessoas do que nunca. Os jovens, em particular, tendem a se entusiasmar em assistir e aprender por meio de vídeos. Por esse motivo, é importante que os Clássicos como disciplina sejam capazes de responder oferecendo material de vídeo com tema clássico de alto padrão (NEVIN, 2015, p. 32).

O alto padrão mencionado por Nevin, trata-se de acompanhar a qualidade dos conteúdos que a sociedade já consome diariamente no seu cotidiano. Ocupar as mesmas plataformas e buscando novos formatos de curadoria – para além da transmissão – do conteúdo. Buscar entender quais são os formatos e as plataformas que as sociedades mais estão engajadas e, portanto, produzir um conteúdo específico para aquele tipo de dinâmica é uma das maneiras que a academia pode adotar e estimular seus discentes para entrar em sintonia com a sociedade.

O *Panoply Vase Animation Project* é um empreendimento que tem utilizado uma curadoria de vasos cerâmicos e produzido animações das imagens e iconografias (sem alterar estruturalmente a materialidade dos objetos). Estas animações favorecem a criação de narrativas explicativas da iconografia presente nos vasos aumentando a atenção e interesse dos observadores.⁴ O projeto tem a sua frente o animador Steve Simons. O profissional diz que visa o aumento do engajamento e o melhor entendimento dos vasos antigos e da cultura clássica (NEVIN, 2015, p. 32). Portanto, é válido que o trabalho interdisciplinar e interno da academia – mais técnico e informativo – também busque soluções e se flexione em direção da construção de pontes de acessibilidade ao público geral, como recursos didáticos e de mediação acessíveis, esforços de divulgação científica, para a manutenção da caminhada em direção ao crescimento da área não apenas no circuito acadêmico, mas também no circuito social mais amplo.

Os alunos que são novos nos estudos de vasos podem ter dificuldade em interpretar o movimento implícito como movimento implícito. Quando eles assistem a qualquer animação de vaso, isso pode ajudá-los a dar esse passo para interpretar outras cenas de movimento implícito mais prontamente e de forma mais completa. Nesse sentido, assistir a animações de vasos com os alunos ensina-os a serem intérpretes mais ativos (e talvez mais engajados) das cenas de vasos. Eles são mais capazes de reconhecer que as cenas de movimento implícito contêm uma qualidade inerentemente dinâmica (NEVIN, 2015, p. 34).

4 *The Procession*, por Steve Simons: https://www.youtube.com/watch?v=yaDP0-hHpEU&ab_channel=SteveSimons. Acesso: 20/05/2021.

Mesmo com todas as limitações, há pessoas dispostas ao trabalho de acompanhar as novas tecnologias e as demandas da contemporaneidade. Acertar os pontos e equilibrar as prioridades, ao mesmo tempo que inserimos a produção de conteúdo em projetos de divulgação científica e recursos didáticos como parte inexorável da pesquisa, mais do que alternativas, certamente será uma necessidade em poucos anos. As universidades aumentaram o número de alunos, o número de pesquisas e publicações, contudo o aumento da qualidade produtiva e retorno social ainda não tem crescido da mesma maneira. Este diagnóstico, mais do que uma constatação dos tempos difíceis que passamos após 21 anos de século XXI, de obscurantismo e reacionarismo exacerbados, é um convite para procurarmos colaborativamente por soluções para que possamos ainda nos sentir otimistas com o futuro da educação brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDREOLI, M. *Esercitazioni di disegno archeologico. Laboratorio di Archeologia*, Dipartimento di Scienze filologiche e storiche, 2003-2004.

BECK, K.; BEEDLE, M.; BENNEKUM, A. VAN; COCKBURN, A.; CUNNINGHAM, W.; FOWLER, M.; GRENNING, J.; HIGHSMITH, J.; HUNT, A.; JEFFRIES, R.; KERN, J.; MARICK, B.; MARTIN, R. C.; MELLOR, S.; SCHWABER, K.; SUTHERLAND, J.; THOMAS, D. "Manifesto for Agile Software Development", 2001. Disponível em: (<https://silo.tips/download/agile-the-agile-manifesto>) Acesso em: 15/02/2021, às 10h38.

DIAS, C. Abordagens metodológicas para o estudo de vasos gregos: a atribuição e a análise iconográficas. *Revista Eletrônica Antiguidade Clássica*, v. 004, 2009, p. 47-65.

DIAS, C.; SEGER, D.; OGAWA, M. Projeto Pipoca Clássica: o uso do cinema como ferramenta para discussão e ensino da Antiguidade Clássica. *Revista História Hoje*, v. 6, nº 12, 2017, p. 158-176.

DIAS, C.; SOUZA, C.; CERQUEIRA, F. Cultura material, recursos digitais e conhecimento histórico: reflexões sobre a elaboração de bancos de dados para pesquisas em Arqueologia Clássica. *Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos*, n. 12, 2018, p. 24-57.

LAAL, M.; SALAMANTI, P. "Lifelong learning; why do we need it?". *Procedia - Social and Behavioral Sciences* 31, 2012, p. 399-403.

LIMA, I.; FREIRE, T.; COSTA, H. Adapting and Using Scrum in a Software Research and Development Laboratory. *Revista de Sistemas de Informação da FSMA* n. 9, 2012, p. 16-23.

MENEGATTI, B. S. A cultura visual do mundo dos mortos na cerâmica ática do século V a.C. In: Dossiê "A última viagem humana: a morte e o morrer nas sociedades do mundo antigo". *Revista Gaia* (UFRJ), Vol. 11, Nº 1, 2020, p. 14-35.

NEVIN, S. Animations of Ancient Vase Scenes in the Classics Classroom. *Journal of*

Classics Teaching, 16, 2015, p. 32-37.

PIRRO, L. "How agile project management can work for your Research". In: *Career Column, Nature Careers Community*, 2019. (<https://www.nature.com/articles/d41586-019-01184-9>) Acesso em: 13/02/2021, às 16h03.

SARIAN, H. *Ceramografia e ceramologia: algumas reflexões*. Cerâmicas antigas da Quinta da Boa Vista. RJ: Museu Nacional de Belas Artes, 1995, p. 31-38.

SIMONS, S. *The Procession*. Youtube Vídeo, 2015 (1min13seg). In: <https://youtu.be/yaDP0-hHpEU>. Acesso em: 31/05/2020, 17h07.

TISSOT, P. *Terminology of vocational training policy: a multilingual glossary for an enlarged Europe* (pp. 70, 76, 112). Cedefop (Ed), Luxembourg; Office for Official Publications of the European Communities. Retrieved 2011 Sep. 30, from: <http://www.refernet.pl/zasoby/download/glosariusz.pdf>, 2004.